

## BATUQUES, BATUQUEIROS E ESCOLAS DE SAMBA

Rafael Lima Silva Soares <sup>1</sup>

### RESUMO

O carnaval da Cidade do Salvador, na segunda metade do século XX, contou com intensa participação popular na construção de seus grupos e agremiações. Esses carnavais contavam com trios, blocos de embalo, batucadas, fanfarras, amortalhados e até escolas de samba. As Escolas de Samba começaram seus desfiles oficiais durante a década de 1960, indo até final da década de 1970. Essa forma de se brincar o carnaval, assim como as antigas batucadas soteropolitanas, tinham a participação de várias pessoas, tanto durante os desfiles como na preparação, na organização e até na arrecadação de recursos. As batucadas e as Escolas de Samba saíam às ruas com indumentárias, símbolos e gestos distintos. Essa comunicação traz um breve panorama retratando essas duas entidades do carnaval da segunda metade do século passado.

Palavras-chave: Carnaval; Salvador; Cultura

As formas de se brincar o carnaval nas primeiras décadas do século XX são diversas: umas, seguindo antigas tradições propostas no Brasil desde o início dos festejos de carnaval; outras, aproximadas (ressignificadas) de outras festas ou outras culturas, através do enlace entre grupos distintos e visões diversas. Nesse universo carnavalesco, os desfiles, bailes e festas em clubes finos se apresentavam como possibilidades distantes da maioria da população soteropolitana. Porém, os grupos de amortalhados, os cordões, corsos, blocos, festas de bairros, entre outros divertimentos apresentavam possibilidades para moradores de bairros afastados do centro ou mesmo para pequenos comerciantes, trabalhadores braçais, militares de baixa patente e assalariados de baixa renda.

Seguindo as diversas tradições carnavalescas de festa, dança e alegria, as batucadas do século XX eram grupos de pessoas devidamente trajadas (uniformizadas ou fantasiadas) que, com seus instrumentos percussivos e em fila indiana, alegravam bairros, ruas, casas, e diversos locais. Os batuques e batucadas são manifestações antiquíssimas no contexto baiano e soteropolitano, tanto na capital quanto no interior esses agrupamentos, geralmente de negros e mestiços, podiam ser apreciados tocando instrumentos de percussão, cantando e dançando

em festas cívicas, religiosas ou carnavais<sup>2</sup>. Advinda de séculos anteriores, a tradição do batuque foi representada na Cidade do Salvador do século XX por agrupamentos que percorriam trajetos distintos e muitas vezes cruzavam bairros e visitavam casas, muitas vezes sendo compostos por vizinhos e pessoas de um mesmo bairro ou colegas de trabalho.

Compostas majoritariamente de afro-baianos do sexo masculino, as batucadas soteropolitanas do século passado levavam os sons de instrumentos musicais como o agogô, tamborim, pandeiro, cuíca, e ganzá; os batuqueiros vestiam roupas chamativas e coloridas. Apesar de manterem forte relação com a tradição africana do batuque, aproximavam-se também de outras tradições festivas, devido ao uso de fantasias, de porta-estandarte (que sempre estava à frente) e mesmo de jogos de confetes e serpentinas nas festas onde tocavam.

Mesmo advindas de diversos bairros da cidade, existiam locais famosos pelos desfiles de batucadas ou mesmo locais de apresentação ou sede de conhecimento popular. O chamado Beco do Cirílo — beco entre os bairros de Quintas e Soledade, localizado na Estrada da Rainha, foi um desses locais. Lá se realizavam batalhas de confetes e serpentinas, venda de bebidas e comidas, disputas entre as batucadas com direito a premiação. Nos dias que antecediam o período de carnaval (três dias de festa), também era comum assistir aos ensaios da Batucada Bomba de Sena<sup>3</sup>, pois ali residia a maioria de seus componentes.

Apesar de próximas das outras manifestações, devido ao uso do batuque (como os afoxés do início do século) ou de vestimentas próprias e fantasias (como os grupos de amortalhados), as batucadas tinham destaque dentre os populares e, mesmo para aqueles de diferentes grupos sociais, elas possuíam visibilidade, uma vez que o centro histórico da cidade foi um dos redutos dos batuqueiros nas décadas de 1930, 1940 e 1950. Assim, as batucadas compuseram, juntamente com outros grupos e manifestações, o cenário do carnaval popular das primeiras décadas do século XX.

Existem alguns elementos fundamentais para pensar as contribuições do formato que as batucadas seguiram e que foram reproduzidas pelos agrupamentos posteriores. Com a ajuda das notícias de jornal da época, bem como os textos de Anísio Felix e Hidelgardes Vianna<sup>4</sup>, além dos trabalhos relacionados ao carnaval de Milton Moura e Antônio Godi (entre outros)<sup>5</sup>, é possível estabelecer relações entre as batucadas e as agremiações surgidas posteriormente. Assim, mesmo esses elementos não sendo necessariamente exclusividade das batucadas, nelas

representavam características de destaque. A rivalidade, o trabalho em comunidade e os elementos rítmicos e musicais demonstram algumas das contribuições seguidas pelos grupos carnavalescos da segunda metade do século XX, como as Escolas de Samba.

A rivalidade entre as batucadas é um elemento bastante interessante, pois ela estaria entre atitudes que variam da diplomacia à admiração; do respeito competitivo à violência, algumas vezes até violência física. No encontro entre batucadas, geralmente os grupos cumprimentavam-se com versos de improviso, gestos de respeito e até troca de estandartes, revelando um comportamento respeitoso de reconhecimento. Ainda assim, de maneira alguma significa dizer que tal comportamento anulava uma disputa levada a sério em apresentações ou mesmo entre os batuqueiros mais fanáticos. Houve pessoas que, elevando o desejo de ver a batucada do seu bairro ser valorizada, em detrimento das de outras localidades da cidade, entravam em choque com outros foliões, choques que se traduziam em ferrenhas discussões e até em enfrentamentos físicos, em lutas e pancadarias.

A disputa também esteve presente sob a luz de um comportamento (na maioria das vezes) politicamente correto, fazendo-se, ano após ano, através da busca dos trajes mais bonitos e chamativos, no desenvolvimento de um cântico ou de um ritmo mais envolvente, enfim, na construção de uma festa melhor do que a do ano anterior e, principalmente, melhor do que a das outras batucadas. A rivalidade entre alguns bairros também se tornou algo comum, uma vez que, geralmente, cada grupo estava localizado em um bairro diferente da cidade e a influência da comunidade era ativa na construção da festa.

O trabalho em comunidade se apresentava como uma possibilidade viável na condução dos divertimentos e na organização dos festejos. Existe aqui todo um aspecto de grupo unido, as fantasias, os ensaios, os instrumentos e a parte “criativa-musical,” etc. estavam a encargo do grupo. Essa manifestação não tinha somente o elemento contemplativo, pois boa parte dos foliões se “refestelavam” em danças, cânticos, desfiles e nos elementos visuais como roupas e adereços, mas o elemento participativo também se fazia presente no planejamento do orçamento, na composição das músicas, na produção das fantasias; enfim, a batucada era algo de populares para populares.

Os moradores foliões (ou grupo de trabalhadores ou colegas) organizavam os festejos pedindo doações ou arrecadando dinheiro na comunidade, mesmo durante os desfiles havia sempre paradas obrigatórias em casas comerciais próximas ou mesmo em casas mais ricas, onde doações eram recolhidas e utilizadas no custeio da festa. Os moradores do Beco do Cirilo, por exemplo, organizavam a festa dessa forma, arrecadando dinheiro na comunidade

que seria usado para custear a festa de modo geral. É interessante destacar aqui que o objetivo não era lucrar com a festa ou mesmo com o divertimento dos colegas.

“Blocos de pessoas com idades próximas e mesma profissão são encontrados nos registros da imprensa desde o início do século passado”<sup>6</sup>. Graças a esse forte aspecto de união do grupo, especialmente união de pessoas de um mesmo bairro, é que as batucadas ficaram tão famosas quanto seus bairros de origem no cenário da festa. Muitas vezes, também, a rivalidade acirrada gerava um bairrismo e a disputa extrapolava o período do carnaval daquele ano, indo de uma festa para outra e de um morador de um bairro pra outro.

Algumas dessas batucadas famosas são a “Fortaleza do Amor” da Liberdade, do bairro do Pau Miúdo a “Escola de Bamba” e do bairro da Fazenda Garcia a “Não tem Que Ver”. Havia outras tantas que deixaram seus bairros famosos por animarem a festa dentro e fora de suas vizinhanças.

Acerca das batucadas soteropolitanas, é importante também destacar o elemento rítmico musical, pois na Cidade do Salvador, nesse início do século, nem todos os grupos carnavalescos se utilizavam do samba percussivo na animação de suas festas. Aqui também há a característica de destaque, pois os compositores, músicos amadores e os demais responsáveis pelas melodias e cânticos eram da própria comunidade, o que deixou a manifestação “batucada” como sendo um dos redutos do samba na Bahia, ainda assim, mantendo a originalidade no riscado e na construção de seus versos e batuques. Como bem coloca Godi, destacando a musicalidade, as “[...] batucadas, escolas e depois os blocos de índios, representavam os territórios do samba na Bahia, numa guerra de danças, músicas e alegria, na tentativa de provar quem era o melhor”.<sup>7</sup>

Em 20 de fevereiro de 1956,<sup>8</sup> o jornal A Tarde publica nota, assinada pelo então diretor de Turismo, o senhor Waldemar Angelim. A nota prestava informação acerca dos campeões dos tradicionais concursos carnavalescos realizados na cidade. No que tange ao concurso de músicas carnavalescas, além das tradicionalíssimas marchinhas de carnaval, os sambas também eram julgados em categorias próprias, os grandes clubes ainda se mantinham, mesmo sem o prestígio de outros carnavais (nesse ano, com a vitória do “Inocentes em Progresso”<sup>9</sup>) e

a presença de manifestações como batucadas e cordões também era destacada pelos jornais da época<sup>10</sup>.

Dentro do universo carnavalesco soteropolitano dos cordões, ranchos, charangas, corsos, grupos de amortalhados, bailes e grandes clubes (aqui já comentados), a musicalidade apresentava-se em toda a sua diversidade em marchas, fanfarras, ritmos de origem africana e composições populares, como o samba. Tudo isso foi crucial para o desenvolvimento do estilo próprio e características dessa manifestação. Porém, à medida que a cidade crescia e a fama e influência do carnaval do Rio de Janeiro atingiam os principais meios de comunicação, como jornais e rádios, o carnaval baiano ia incorporando as novidades apresentadas.

As escolas de samba cariocas eram notícia nas rádios e a experiência carioca já era bem famosa no período do pós-guerra. A capital do país ditava estilos e muitos dos carnavalescos baianos acabaram tentados a formar escolas de samba também em território soteropolitano. Contando com inúmeros grupos, tipos de manifestação e clubes, os carnavalescos cariocas já traziam as escolas de samba como atração há muito tempo; oficialmente, o primeiro concurso de escolas de samba ocorreu em 1935, em 1949 começaram as primeiras transmissões do carnaval carioca<sup>11</sup>. No início da segunda metade do século XX e, mais precisamente, durante a década de 1960, já se pode identificar em outros estados brasileiros o resultado de um longo processo de formação cultural do carnaval carioca e, mais importante, de fama do carnaval da capital e de suas manifestações, a riqueza e glamour das escolas e suas fantasias, e o samba carioca que já estavam sendo trazidos há décadas (desde o Estado Novo), como símbolo de uma brasilidade.

Em 15 de novembro de 1957, residentes do bairro da Preguiça criam a então primeira Escola de Samba da Bahia, a Escola “Ritmistas do Samba”. Suas influências advêm das notícias trazidas de terras cariocas via jornal ou rádio, mas também, em parte, graças ao fluxo de pessoas entre as capitais, que traziam o estilo e as inovações. Como bem destaca um suplemento do Jornal A Tarde, “revista Muito”, de 31 de janeiro de 2011, os marinheiros e fuzileiros navais baianos que serviram no Rio trouxeram técnicas e truques das escolas de samba do Rio para a capital soteropolitana.

Observando atentamente o texto de Felix (“Batucadas e Escolas de Samba no Carnaval Baiano”) bem como as notas de jornais aqui já referenciadas, pode-se perceber que a novidade não foi inicialmente tão bem recebida como seria na década seguinte. Como destaca Felix, em

1958, a “Ritmistas do Samba” vai às ruas com apenas sete componentes, essa pouca adesão inicial reflete a resistência dos antigos foliões em aderirem ao novo formato e, talvez, o medo de abandonar o antigo modelo das batucadas, corsos e charangas. Uma das maiores diferenças entre esses dois modelos carnavalescos (batucadas e escolas) era a formação em alas (escolas), ao invés da clássica formação em fila indiana.

Além da “Ritmistas do Samba,” outras escolas merecem um comentário inicial, devido à participação e contribuição no carnaval da década de 1960<sup>12</sup>. As escolas “Filhos do Tororó” e “Juventude do Garcia” são algumas dessas escolas que, participando ativamente das novidades, inovam na avenida junto com a “Ritmistas do Samba”.

Nascido em 24 de janeiro de 1953, o grupo chamado de “Cordão Carnavalesco Filhos do Tororó” iniciou suas atividades no carnaval. Em 1963, o cordão se tornou escola e no mesmo ano, em um desfile dedicado ao louvor a Oxalá, trouxe seiscentos componentes às ruas e, graças a sua bateria, ganhou o primeiro lugar. Posteriormente vencedora dos desfiles dos anos de 1965 e 1973, a “Filhos do Tororó” trouxe para a avenida mais do que simples desfiles festivos. Anísio Felix também faz destaque sobre a escola, no seu texto “Batucadas e Escolas de Samba no carnaval baiano”:

Dentro do já citado contexto de mudança da forma de como se manifestar, muito comum no carnaval da cidade na época, o cordão chamado “Filhos do Garcia”, que saía nos três dias de carnaval animando o bairro, vira charanga. Nesse formato, já coexistiam alguns dos elementos de batucada e de bloco, bateria de samba e roupas nas cores rosa e preto na manifestação do carnaval da Bahia. Camisas de mangas compridas, cartolas e bengalas também já faziam parte da rotina do grupo. Félix ainda destaca que, levada pelo aparecimento da escola “Ritmistas do Samba”, a charanga vira escola em 1961, amargando a primeira derrota devido ao inicial amadorismo, fato então comum entre os grupos que migravam para o estilo. Somente lá para meados da década, a “Juventude do Garcia” cresceria a ponto de fazer inveja as suas adversárias. Adversárias que ultrapassaram a casa da dezena naquela época. As principais delas eram a Ritmistas do Samba e Filhos do Tororó, Unidos do Politeama, Diplomatas de Amaralina, Ritmistas da Liberdade, Verde e Rosa, Liga independente do Samba no Comércio, Bafo de Onça e Calouros do Samba.

Assim como as batucadas, as Escolas de Samba obedeciam a uma territorialidade<sup>13</sup>. Estavam estabelecidas em grupos bastante fincados nos bairros e comunidades da cidade.

Espelhadas no modelo carioca e herdeiras da bateria pesada das batucadas, as escolas realizavam seu desfile anual no centro da cidade (entre o Campo Grande e a Praça da Sé ou a praça municipal)<sup>14</sup>, onde era instalado um palanque, diante do qual se apresentavam para os jurados. A vitória de uma escola era momento de consagração máxima pela glória da comunidade e pelo trabalho duro na construção do desfile, pela construção da festa.

Esse modelo novo, composto por alas, e com diferenciações entre bateria, carros alegóricos e fantasias temáticas, não era completamente distante do universo carnavalesco soteropolitano. A bateria pesada, assim como muitos outros aspectos, sofreu influência direta das batucadas, sendo o samba das novas escolas providenciado pelas antigas baterias dessa manifestação, as roupas chamativas já faziam parte do modelo das antigas manifestações do início do século, uma vez que fantasias variadas e roupas glamourosas também se faziam presentes no carnaval da Cidade do Salvador em alguns locais e grupos.

O requinte dos ensaios para a festa do carnaval também já era uma prática antes dos primeiros desfiles das escolas soteropolitanas, evidente em outras manifestações e em outros contextos, como bailes ou desfiles. Os luxuosos carros alegóricos também já haviam sido algumas das principais atrações dos tradicionais clubes de média e alta classe (Fantoches de Euterpe, Cruz Vermelha e Inocentes) da primeira metade do século. Já no século XIX, negros e mestiços da capital soteropolitana já lutavam pela conquista do território soteropolitano com desfiles de clubes uniformizados<sup>15</sup>. Todavia, no contexto da segunda metade do século XX, em Salvador, as escolas apresentavam um universo festivo diferenciado, um formato que já arrancava aplausos e elogios em terras cariocas. Essa experiência de se brincar o carnaval soteropolitano de forma parecida com o modelo carioca apresentou uma possibilidade palpável para a comunidade negro-mestiça da época que, adaptando muito do que já era apresentado aqui e participando de intensas trocas culturais, uniu-se em grupos, fazendo dos anos 1960 e 1970 um período áureo para o carnaval de rua da cidade, com centenas de pessoas fazendo parte das mais famosas escolas e obtendo certo destaque em meio às muitas manifestações da época.

Uma diferença importante a ser destacada sobre as escolas era o rigor e a exigência que a competição contínua instaurou ano após ano. Isso não significa, necessariamente, que os corsos, charangas e batucadas da primeira metade do século não competiam entre si ou que eram expostos a um júri ou a julgamentos. Porém, seguindo o modelo carioca de exigência e

refinamento da disputa, era no jogo das Escolas de Samba do carnaval da Cidade do Salvador que a competição destacava-se como fator importante, determinante para o destaque e o sucesso de cada Escola. Logicamente, a vitória dependia de empenho e recursos, empenho esse que vinha com uma estrutura rígida de responsabilidades como direção, presidência, organização, setor financeiro (arrecadação), parte criativa de coreografia, fantasias, visual artístico, música etc.

Diferente de muitas das antigas manifestações, as Escolas de Samba tinham que apresentar fortemente esse lado da responsabilidade e empenho. Cada desfile apresentava o esforço financeiro, administrativo, criativo e braçal da comunidade. A competição acirrada mantinha a rivalidade e o desejo de superação. Contando com a vitória nos concursos organizados pelo Departamento Municipal de Turismo e posteriormente pela Sutursa, os carnavalescos enfrentaram as intempéries e as dificuldades de manter as escolas de samba entre as primeiras colocadas a cada carnaval. O relaxamento ou descaso de qualquer uma das áreas que compõem a escola poderia causar a perda da vitória, ou mesmo o rebaixamento e, conseqüentemente, a infelicidade ou mesmo o desapontamento da comunidade que representava.

Esse empenho contínuo é uma das principais diferenças entre as Escolas e muitas das outras manifestações. Sem compreender esse elemento se torna difícil compreender o significado da aquisição de uma nota positiva nos desfiles, e impossível compreender as dificuldades passadas pelas Escolas de Samba. A estrutura financeira, por exemplo — que, assim como nas batucadas, apresentava doações de padrinhos, profissionais liberais, recursos adquiridos nos ensaios, com a venda de produtos, e a contribuição dos foliões — exigia novas fontes de renda e maior habilidade administrativa para utilização dos recursos a serem aplicados de forma correta em cada área. São comuns as opiniões de antigos foliões falando sobre a dificuldade de gerir e de administrar o desfile das escolas, muito comum também são as comparações daqueles que migraram para o novo modelo e enfrentaram as dificuldades que o formato impunha.

No ano de 1964, o Departamento Municipal de Turismo e Diversões Públicas se transforma em Departamento Municipal de Certames e Turismo<sup>16</sup>; pouco tempo depois<sup>17</sup>, torna-se “Superintendência de Turismo da Cidade do Salvador”, a chamada Sutursa. Essas transformações, assim como o próprio enfoque na questão do turismo na cidade, ilustram o



crescimento do mercado, assim como o interesse em explorá-lo. A Sutursa, nesse sentido, fica destinada a normatizar os concursos de afoxés, batucadas, escolas de samba e demais manifestações.

Geralmente, às vésperas do carnaval, era costume da Diretoria Municipal de Turismo, e posteriormente da Superintendência, emitir as normas, critérios, punições, resultados ou avisos relativos aos concursos e festejos carnavalescos<sup>18</sup>. A Sutursa (e as entidades anteriores), de certa forma, representavam o interesse do Estado sobre as manifestações que desfilavam no centro da cidade, e assim como a Associação de Clubes Carnavalescos, influenciava na festa ano após ano. Teoricamente, as escolas que desrespeitassem as normas, baixadas pela Secretaria de Segurança Pública e pelo Juizado de Menores, seriam desclassificadas, assim como não era permitida propaganda política ou comercial e estariam impedidas de participar da competição as entidades que não estivessem devidamente credenciadas na Associação de Clubes Carnavalescos.

Nos concursos de Escola de Samba, o prêmio era a moeda corrente e, divididas em dois grupos, as escolas brigavam para subir à elite ou para permanecer no chamado grupo especial. As classificações eram de campeã, vice-campeã e terceiro lugar e não era permitido recorrer dos resultados da comissão julgadora. Utilizando a linguagem das normativas publicadas nos jornais da cidade no período carnavalesco, as escolas eram julgadas pelos critérios de: **alegoria**, pela sua motivação e originalidade; **guarda-roupa**, pelo bom gosto e efeito do conjunto; **coreografia**, incluindo aqui a distribuição do pessoal; **bateria**, orquestra, sonoridade e harmonia; **equilíbrio** e composição do cortejo; **Luxo**, originalidade e bom gosto.

Os concursos, as normas e a constante exigência dos desfiles representavam um contexto vivido na Salvador da década de 1950, 1960 e até em décadas posteriores<sup>19</sup>. Cada vez mais a prefeitura e os demais órgãos citados se mostravam preocupados com a organização e normatização da festa, que crescia ano após ano, enquanto o turismo dava seus primeiros passos, a festa começa a ganhar fama, aumentando o número de foliões de dentro e fora da cidade e experimentando transformações que se tornavam mais velozes e significativas.

## NOTAS

<sup>1</sup>Graduado em licenciatura plena em história Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Campus V. Trabalho Orientado pela professora doutora Nancy Rita Sento Sé de Assis.. Endereço Eletrônico: rafasoares@ufrb.edu.br

<sup>2</sup> Ver o livro “Festas e batuques do Brasil”. Ver também o artigo “Tambores e temores: a Festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX”. FIGUEIREDO, Luciano. *Festas e batuques do Brasil*. Rio de Janeiro: Sabin, 2009. 104 p. REIS,J.J. Tambores e temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX. In:CUNHA, Maria Clementina P. (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP/Cecult, p. 101-155, 2002.

<sup>3</sup> Ver o artigo “Batucadas e Escolas de Samba no Carnaval Baiano”. FELIX, Anísio. Batucadas e Escolas de Samba no Carnaval Baiano. In: CERQUEIRA, Nelson (Org.). *Carnaval da Bahia: um registro estético*. Salvador: Omar G.,2002. p. 61-67.

<sup>4</sup> Ver os textos: “Crônica do Carnaval”, “Carnaval na Quaresma” em “Breve notícia sobre acontecimentos na Bahia no início do século XX”, “Depois do Carnaval” e “Escolas de Samba”. PELLEGRINO, Antonio Roberto. Crônica do Carnaval: O Carnaval de Ontem, Diário de Notícias, Salvador, 9-12 set. 1975. Caderno 2, p. 7. VIANNA, Hildegardes. Breve notícia sobre acontecimentos na Bahia, no início do século XX. Salvador: Centro de estudos Baianos da UFBA, 1983. VIANNA, Hildegardes. Depois do Carnaval, A Tarde, Salvador, 22 fev. 1969. Caderno 1, p. 09. VIANNA, Hildegardes. Escolas de Samba, A Tarde, Salvador, 26 mar. 1973. Caderno 1, p. 04.

<sup>5</sup> Ver MOURA, Milton. Um Mapa Político do Carnaval: Reflexão a partir do Caso de Salvador. In: ESTEVES JÚNIOR, Milton; URIARTE, Urpi Montoya (Orgs.). *Panoramas Urbanos: Reflexões sobre a Cidade*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 93-106. Ver GODI, Antônio Jorge Victor dos Santos. De Índio a Negro, ou o Reverso. In: Cadernos do CRH. Salvador, 1991. p. 51-70.

<sup>6</sup> Parte do texto de Milton Moura MOURA, Milton. Um Mapa Político do Carnaval: Reflexão a partir do Caso de Salvador. In: ESTEVES JÚNIOR, Milton; URIARTE, Urpi Montoya (Orgs.). *Panoramas Urbanos: Reflexões sobre a Cidade*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 99.

<sup>7</sup> Ver GODI, Antônio Jorge Victor dos Santos. De Índio a Negro, ou o Reverso. In: Cadernos do CRH. Salvador, 1991. p. 58.

<sup>8</sup> Ver os resultados oficiais dos concursos carnavalescos de 1956. Jornal A Tarde, de 20-02-56. Prefeitura Municipal do Salvador: concursos carnavalescos.

<sup>9</sup>De uma elite os mais famosos eram o Fantoches de Euterpe, Inocentes em Progresso e Cruz Vermelha. Decadentes, ainda estavam presentes no carnaval soteropolitano.

<sup>10</sup> Ver diversas notas em: CARNAVAL: “um pavão” na cidade. Jornal Estado da Bahia. Salvador, 24 jan. 1956. Diversas notas em: CONCURSO de cordões, batucadas, afoxés, grandes e pequenos clubes. In: “Carnaval: A Tarde, caderno 1, 1959

<sup>11</sup> PRIORE, M. L. M. Outros Carnavais. Nossa História (São Paulo), São Paulo, v. 2, n. 16, 2005

<sup>12</sup> Ver, além das crônicas já citadas: Ritmistas do Samba protestaram com silêncio contra julgadores. *Jornal da Bahia*, caderno 1, página 2, 04 de março de 1965; OLIVEIRA, Paulo. Coisa de bamba. *Muito* (revista semanal do grupo “A Tarde”), Salvador, 31 jan. 2010. p.18-27.

<sup>13</sup> Milton Moura (“Um Mapa Político do Carnaval”) comenta no artigo “Um Mapa Político do Carnaval” que “Eram fortemente fincadas em seus territórios, tanto que se chamavam Juventude do Garcia, Filhos do Tororó, Ritmos da Liberdade, Acadêmicos de Amaralina, etc.”, p.100.

<sup>14</sup> Ver os textos Arquibancadas, uma ameaça ao carnaval da Rua Chile. *A Tarde*, caderno 1, p.3, 1975; Palanque será mesmo na Praça Municipal. *Jornal de Notícias*, p. 3, 27 de fev. 1973.

<sup>15</sup> Ver Raphael Rodrigues Vieira Filho. VIEIRA FILHO, Raphael Rodriguez. *A africanização no carnaval de salvador, Ba - a recriação do espaço carnavalesco(1876-1980)*. Dissertação (mestrado em história). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1995.

<sup>16</sup> Lei 1.584, de 28/2/1964

<sup>17</sup> Lei 1.600, de 27/7/1964

<sup>18</sup> Ver as notas: Sutursa regulamenta concursos de clubes, decoração e máscara. *A Tarde*, 20 de jan, 1970; SUTURSA divulga programa oficial para o Carnaval. *A Tarde*, 22 de fev, caderno 02, p.19, 1973; Normas para os concursos de escolas de samba e batucadas. *A Tarde*, 10 de fev, 1969, caderno 1, p.16.

<sup>19</sup> Vários textos e crônicas já citadas nas notas fazem menção a concursos e desfiles, informando campeões, regras ou muitas vezes só citando as diferentes experiências. Além dos textos citados ver: Depois de uma apuração complicada saem os novos campeões do Carnaval. *Tribuna da Bahia*, 10 de fev, p. 5. 1978; Barroquinha Zero Hora é Tricampeã. *Diário de Notícias*, caderno 2, p. 2, 1975; Ex-presidente da Escola de Samba Diplomatas de Amaralina desabafa. *A Tarde*, 21 fev, caderno 2, p.13, 1973.